



AS SAÍDAS MORAM NAS PALAVRAS? AS SAÍDAS PODEM MORAR NAS PALAVRAS?: ESCRITA ENQUANTO ENCONTRO COM MULHERES PRIVADAS DE LIBERDADE

Caroline Vetori de Souza

Resumo: Neste ensaio irei me debruçar na interlocução da proposta de um caderno de exercícios de escrita criativa, intitulado *Das saídas que moram nas palavras*, destinado às mulheres que cumprem pena no Presídio Feminino de Florianópolis, com escritos que tratam da literatura (ANDRUETTO, 2012; CANDIDO, 2011) e da escrita como ato de “tornar-se” (KILOMBA, 2020). A proposição objetiva o diálogo artístico e poético com as mulheres que estão privadas de liberdade, tendo como hipótese principal a geração de procedimentos de escuta, nos quais as suas vozes possam ecoar. Ainda, ansiamos que as palavras gerem encontros (delas consigo mesmas, com suas companheiras, com o mundo). No momento como ainda não temos acesso as produções instigadas a partir do caderno, julgo pertinente a análise da proposta, seus atravessamentos teóricos, visando o compartilhamento de seu processo de feitura que pode, inclusive, inspirar outras proposições e projetos. Muitas são as perguntas, as dúvidas e iniciar com uma convoca justamente a força das palavras na abertura de mundos – questão que está no horizonte deste ensaio.

Palavras-chave: Teatro com mulheres privadas de liberdade. Literatura. Leitura. Escrita.

DO THE OUTPUTS LIVE IN THE WORDS? CAN THE OUTINGS LIVE IN THE WORDS?: WRITING WHILE MEETING WOMEN DEPRIVED OF FREEDOM TÍTULO

Abstract: In this essay, I will focus on the interlocution of the proposal for a creative writing exercise book, entitled *Das exits que dwelling in words*, for women who are serving sentences in the Female Prison of Florianópolis, with writings that deal with literature (ANDRUETTO, 2012; CANDIDO; 2011) and writing as an act of “becoming” (KILOMBA, 2020). The proposition aims at the artistic and poetic dialogue with women who are deprived of freedom, having as its main hypothesis the generation of listening procedures, in which their voices can echo. Still, we long for words to generate encounters (them with themselves, with their companions, with the world). At the moment, as we still do not have access to the productions instigated from the notebook, I think it is pertinent to analyze the proposal, its theoretical crossings, aiming to share its production process, which can even inspire other proposals and projects. There are many questions, doubts and starting with one, as the force of words in the opening of worlds calls for – a question that is on the horizon of this essay.

Keywords: Theater with women deprived of liberty. Literature. Reading. Writing.

¿LAS SALIDAS VIVEN EN LAS PALABRAS? ¿LAS SALIDAS PUEDEN VIVIR EN LAS PALABRAS ? : ESCRIBIR MIENTRAS SE ENCUENTRA CON MUJERES PRIVADAS DE LIBERTAD

Resumen: En este ensayo me centraré en la interlocución de la propuesta de un cuaderno de ejercicios de escritura creativa, titulado *Das exits que habitar en las palabras*, dirigido a mujeres que cumplen condena en la Cárcel de Mujeres de Florianópolis, con escritos que abordan la literatura

(ANDRUETTO, 2012; CANDIDO, 2011) y la escritura como acto de “devenir” (KILOMBA, 2020). La propuesta apunta al diálogo artístico y poético con mujeres privadas de libertad, teniendo como hipótesis principal la generación de procedimientos de escucha, en los que resuenan sus voces. Aún así, anhelamos las palabras para generar encuentros (ellos consigo mismos, con sus compañeros, con el mundo). De momento, como todavía no tenemos acceso a las producciones instigadas desde el cuaderno, creo que es pertinente analizar la propuesta, sus cruces teóricos, con el objetivo de compartir su proceso de producción, que puede incluso inspirar otras propuestas y proyectos. Son muchas las preguntas, las dudas y empezar por una, como lo pide la fuerza de las palabras en la apertura de los mundos, una pregunta que está en el horizonte de este ensayo.

Palabras clave: Teatro con mujeres privadas de libertad. Literatura. Leer. Escribiendo.

As saídas moram nas palavras? As saídas podem morar nas palavras?

Como o próprio título explicita o foco da presente escritura são os questionamentos, muitos mais que possíveis respostas. Questões que justamente se expandem em novas interrogações, que movimentam teoria e prática. Então, eis um pouco das (minhas?) movimentações enquanto professora artista.

Ambas as perguntas reúnem em seu cerne duas temáticas focais em minha pesquisa de doutorado¹, por ora em fase inicial, duas instâncias que pretendo pôr em diálogo no presente ensaio: as palavras, que habitam a escrita e a oralidade, e as saídas, os lampejos de liberdade, físicas e/ou simbólicas. Além de marcar diretamente esses vetores de proposição e análise, faz-se necessário explicitar com quem dialogo: mulheres que cumprem pena de privação de liberdade.

Neste ensaio irei me debruçar na interlocução da proposta de um caderno de exercícios de escrita criativa, intitulado *Das saídas que moram nas palavras*, destinado às mulheres que cumprem pena no Presídio Feminino de Florianópolis, com escritos que tratam da literatura (ANDRUETTO, 2012; CANDIDO, 2011) e da escrita como ato de “tornar-se” (KILOMBA, 2020), buscando articulações possíveis com minha área de formação e atuação: a(s) Pedagogia(s) das Artes Cênicas.

Vicente Concilio desenvolve um trabalho contínuo na instituição desde 2017, através do projeto de extensão *Pedagogia do Teatro e Processos de Criação*, e mais

Ingressei no Doutorado em Teatro, no Programa de Pós-Graduação da UDESC, no segundo semestre de 2020, com uma pesquisa voltada ao diálogo entre o teatro e o cárcere, sobretudo focando em ações artístico-pedagógicas com mulheres que estão privadas de liberdade. A pesquisa é orientada pelo prof. Dr. Vicente Concilio.



recentemente do projeto de pesquisa *Teatro e Prisão: práticas de infiltração das artes cênicas em espaços de vigilância*. Ao longo dos anos diversas pessoas participaram das ações desenvolvidas, licenciandas, mestrandas e doutorandas, colaborando para a materialização das práticas, bem como colocando em diálogo o tripé ensino, pesquisa e extensão.

Em 2019 comecei a trabalhar na instituição, desenvolvendo parte das proposições do mestrado, orientado por Concilio, que desembocou na dissertação *Estendemos nossas memórias ao sol: caminhos para uma dramaturgia da escuta* (2020).

Desde março de 2020, as oficinas de teatro no Presídio Feminino de Florianópolis encontram-se suspensas, visto que podemos ser vetores de transmissão do covid-19, ou seja, nossas ações que se caracterizam pelo encontro e pela presencialidade necessitaram ser adaptadas para outros suportes.

Em 2021, em diálogo com a instituição delineamos como proposta, inspirada no projeto *Mulheres possíveis*², um caderno de exercícios de escrita criativa - proposição que configura uma das metodologias provocadas pela pandemia, sendo uma forma de acessar as mulheres que estão na instituição, mesmo à distância. Diferentemente de outros públicos e contextos, no qual o teatro foi transportado e tensionado às novas tecnologias, não dispúnhamos da possibilidade de acesso via ambiente virtual. Assim, o caderno foi a saída possível de proposição.

No momento, já estruturei o conteúdo e estamos em diálogo com a profa. Anelise Zimmermann, do Departamento de Design da UDESC, coordenadora do programa de extensão *Entre livros, tipos e desenhos: interlocuções da cultura gráfica*, que, juntamente a profa. Sara Copetti e as bolsistas Clara Sohn e Fernanda Gonçalves, estão delineando todo o projeto gráfico e de editoração. Na relação de parceria estabelecida, saliento que estamos aprendendo muito sobre a forma, na

² A partir da reunião de algumas pessoas que compõem os coletivos Teatro Dodecafônico e Rubro Obsceno formou-se um grupo que trabalha junto às mulheres da PFC, Penitenciária Feminina da Capital, desde 2016, a partir do projeto Mulheres Possíveis. Disponível em: <<http://vaniamedeiros.com/mulheres-possiveis>>. Acesso em: 09 de julho de 2021.



qual o conteúdo se apresenta em uma proposta dessa natureza, fruto direto do diálogo com as pesquisadoras do campo do Design, sendo futuramente interessante analisar o caderno a partir dessa ótica.

A previsão é que em outubro de 2021, o caderno entre na instituição, seja entregue às mulheres e após retorne a nós para que possamos achar formas de dialogar sobre essa primeira experiência também com elas.

O caderno coaduna a leitura, seja o próprio ato de ler suas instruções e seus convites, trafegar e/ou mergulhar nos exercícios, seja através dos excertos literários, e a escrita, em um movimento de retroalimentação. Interessante que a proposição se alinha ao que Jorge Larrosa aponta como função das e dos docentes: “O professor [...] é, fundamentalmente, um selecionador de textos (uma espécie de curador) e um inventor de exercício” (2018, p.173).

A proposição objetiva o diálogo artístico e poético com as mulheres que estão privadas de liberdade, tendo como hipótese principal a geração de procedimentos de escuta, nos quais as suas vozes possam ecoar, a partir da pesquisa que iniciei no mestrado sobre dramaturgia da escuta. No momento como ainda não temos acesso as produções instigadas a partir do caderno, julgo pertinente a análise da proposta, seus atravessamentos teóricos, visando o compartilhamento de seu processo de feita que pode, inclusive, inspirar outras proposições e projetos.

Antonio Candido, em *O direito à literatura*, como já anuncia o título, defende como direito inalienável a fruição da literatura e da arte, nas mais distintas modalidades e níveis. É pertinente pontuar que a visão do autor de literatura é expandida, abarcando “(...) todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura [...]” (CANDIDO, 2011, p.176). A continuidade de nossa atuação na instituição, através do caderno, também caminha ao encontro de assegurar esse direito, tantas vezes escanteado na rotina dentro de uma instituição prisional.

Durante seu percurso argumentativo, Candido aponta que a literatura (e explicito a extensão à arte, apesar de nesses pontos não estar colocada diretamente no texto de Candido) é uma manifestação universal, que “não há povo e não há

homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (CANDIDO, 2011, p. 176). Desta forma, o que nos une (ou unirá?), o que nos é comum, no sentido da criação de uma comunidade, é a fabulação? Estamos todas as pessoas ligadas a essa necessidade e força inventiva, que não esgota o mundo em si, mas o expande reiteradamente? E seria ainda mais fundamental para a sobrevivência e resistência nos tempos que estamos vivendo essa possibilidade criativa?

Ester Maria Dreher Heuser (2010) salienta que Candido trata a literatura como sinônimo da necessidade de fabulação. Assim, o caderno de exercícios de escrita criativa pode ser compreendido como um convite a fabulação, uma ação pontual, mas que versa sobre o asseguramento de um direito (de fabular, de sonhar, de imaginar) - dado que, apesar de ser uma necessidade, a organização social brasileira, alicerçada na estratificação, cerceia as possibilidades de fruição artística e literária (CANDIDO, 2011), o que fica explicitado com as mulheres que são aprisionadas.

María Teresa Andruetto (2012), em *Por uma literatura sem adjetivos*, inicia o texto interrogando o sentido da ficção, chegando à questão da necessidade, mesma palavra empregada por Candido (2011), de acessarmos outros mundos, através de uma interrupção de

nossas vidas e nos obriga a perceber outras vidas que *já foram*, que são passado, posto que são narradas. [...] Possibilidade de criar um impasse, de esgueirar-se, por um momento, da pesada flecha do real que, indefectivelmente, nos atravessa, para imaginar outros roteiros. (ANDRUETTO, 2012, p. 55, grifo da autora).

A ideia de fabulação faz-se presente no que a autora tece, esta emerge do contato com a alteridade, revelando as relações como imprescindíveis - onde o eu torna-se nós. Ao pensar sobre o trabalho com mulheres encarceradas, ou seja, retiradas do convívio social e com as poucas relações possíveis vigiadas, quadro que se complexificou durante a pandemia, visto que durante um considerável



período até as visitas de familiares foram suspensas, como nas ações desenvolvidas criamos essas pontes de contato?

Alinhada a essas questões, uma das escolhas na composição do caderno foi trazer um considerável número de excertos, em relação a extensão do material, de diferentes autoras e autores, como Bertolt Brecht, Grada Kilomba, Rubem Alves, Eduardo Galeano, Clarice Lispector e Gloria Anzaldúa³, para que elas possam entrar em contato com diversas construções de mundo (ANDRUETTO, 2012), fomentando a ampliação, desta forma, de suas visões e compreensões de mundo. Ainda, é importante pontuar que há uma cisão imposta pela geografia do cárcere da relação intrapessoal, sendo fundamental o estímulo a essa conexão nos exercícios - como ir ao encontro do mundo, se o encontro consigo está interrompido? Então, no caderno propomos exercícios de autopercepção, sensibilidade, pequenas práticas de cuidado.

Em todo o processo de movimentação em relação à leitura há uma característica marcante: a pausa. Uma interrupção grávida e grave de possibilidades. A suspensão da realidade elencada tanto por Candido (2011), quanto por Andruetto (2012), pode ser lida no contexto de mulheres privadas de liberdade como uma estratégia de sobrevivência, visto que auxilia o transcurso do tempo naquele espaço, dando passagem a outros contextos, como uma saída imaginativa; de resistência, pois interrompe temporariamente as imposições e processos de desumanização/objetificação, uma vez que o percurso da leitura e da escrita é criativo, desviante, irruptivo; e de luta, por outros imaginários, narrativas, visualidades, autorias.

No contexto em que se encontram as mulheres para as quais o caderno foi pensado, radicaliza-se a necessidade da fabulação, visto que as condições físicas, os acessos são extremamente restritos e controlados. Também, há questões subjetivas, como as imposições narrativas: que histórias são enfatizadas nesse contexto de privação da liberdade, visto que as histórias dessas pessoas acabam

³ Autoras e autores elencados conforme a ordem que aparecem no caderno.

sendo tecidas por outras? Dado o contexto de julgamento, por exemplo, há um esvaziamento das suas singularidades, buscando reduzir aquelas pessoas a uma categoria - a de criminosas. Soma-se a logística da prisão, na qual ao ingressar essas mulheres tem como imposição, dentre tantas outras coisas, um número, que acaba por sobrepor seus nomes dentro da instituição⁴.

Não acredito na humanização da prisão, visto que compreendo essa ideia reformista como um modo de manutenção do próprio sistema, mas sei da importância de, enquanto caminha-se para outra configuração social, achar modos de fomentar a humanização das pessoas que encontro, bem como a minha nessa relação. A humanização, para Candido (2011), é um processo que a literatura desenvolve, incidindo numa abertura à sociedade e às pessoas, à alteridade. Assim sendo, a proposição do caderno fomenta a humanidade, sobretudo em um campo em que várias forças operam para a desumanização.

As palavras presentes e a serem presentificadas, pelo ato da escrita das mulheres que dialogarem com a proposta, podem ser saídas? A julgar pela fabulação sim, ofertam (abrem?) saídas. Saídas, temporárias e pontuais, do *modus operandi* da prisão, principalmente da submissão a uma relação objetal.

[...] sujeitos são aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks, 1989, p.42). Como objetos, no entanto, nossa realidade é definida por outros, nossas identidades são criadas por outros, e nossa “história designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos.” (hooks, 1989, p.42). Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como ato político. (KILOMBA, 2020, p.28).

Ao terem acesso, através do caderno, a excertos de autoras que tomam a escrita como um “ato de tornar-se” (KILOMBA, 2020, p. 28), as narradoras e as escritoras de suas próprias realidades, as autoras e as autoridades de suas próprias

⁴ Durante o mestrado desenvolvi um trabalho junto às mulheres que cumpriam pena no mesmo Presídio em 2019, que culminou no espetáculo *Estendemos nossas memórias ao sol*. Uma das cenas mais fortes, a meu ver, é quando elas tiravam as camisas dos uniformes, nas quais havia o número, e terminavam a cena dizendo que não eram/são um número.

histórias (KILOMBA, 2020), abre-se a possibilidade de fabulação de suas próprias vidas, nas quais estas são convidadas no caderno a ocupar seus espaços, a tornarem-se.

No caderno um dos movimentos é convidá-las a marcarem esses lugares, como sujeitas, na compreensão, cuidado e reinvenção de si, assumindo as narrativas, tendo como substrato a potência desestabilizadora da fabulação, que é uma necessidade universal, mas tem nessa especificidade urgência (para que haja vida).

Os pequenos textos costurados ao longo de todo o caderno são acompanhados sempre de exercícios, não no sentido da interpretação das palavras e sentidos, mas salientando de característica de expansão, de estímulo à criação. Estendo o que Flávio Desgranges (2012, p.19) articula sobre ato de leitura da cena para a literatura, visto que há em ambos a convocação para a produção, ou seja, a criação - “exige uma produção de sentidos que se efetiva necessariamente como ato pessoal e intransferível”.

Esse movimento, de leitura e criação explícita, pode ser colocado ao lado do binômio experiência e sentido (LARROSA, 2016). Na concepção compartilhada, de que a leitura se configura como ato de criação (ou o mais acertado seria: só se efetiva no ato de criação?), esse processo só acontece quando há experiência, mas “[...] as experiências não são elaboradas, se não adquirem um sentido, seja ele qual for, com relação à própria vida, não podem se chamar, estritamente, experiências [...]” (LARROSA, 2016, p.30). Assim, o movimento proposto no caderno convoca o par experiência/sentido, porque demanda uma elaboração.

Segundo Andruetto (2012, p. 70), “(...) a literatura de um país não é feita só com escritores, mas também com pesquisadores, formadores e críticos e, sobretudo, é feita, com leitores que, dialogando com as obras já escritas, vão construindo uma obra para o futuro”. Alinhada a essa compreensão, o estímulo dessas cápsulas de leitura, presentes ao longo do caderno, que chamam, explicitamente a construção de significados, para a ampliação das possibilidades de leitura de mundo por parte de mulheres encarceradas, incide na construção dessa



“obra para o futuro”, no ato do presente rascunha-se, enuncia-se, anuncia-se o futuro.

A fabulação e a humanidade fomentadas pelo caderno, a partir dos pressupostos elencados, não se encerram nas mulheres privadas de liberdade. As produções engendradas nele serão de alguma forma tornadas públicas⁵, cuidando e respeitando todas as pessoas envolvidas no processo. Conforme explicita Juliana Borges (2020), o silêncio estrutura o sistema prisional, sendo um dos primeiros passos “romper o silêncio” (BORGES, 2020, p. 12). O compartilhamento do caderno pode ser uma forma de ruptura do silêncio.

Mas não se fala sobre prisões e pessoas que se encontram encarceradas? Nas grandes mídias pululam imagens e narrativas sobre a instituição prisão e pessoas que são atravessadas por ela, em uma roupagem estigmatizante e simplista, corroborando para a justificação do sistema prisional. Estamos falando de um campo de batalha simbólico em torno das representações, como aponta João Freire Filho (2004), no qual transitam “variados sistemas significantes disponíveis (textos, imagens, sons) para ‘falar por’ ou ‘falar sobre’ categorias ou grupos sociais” (2004, p.45).

Vicente Concilio tem, em suas últimas falas públicas e produções sobre o trabalho desenvolvido, apontado uma relação com o conceito imagens de controle. As imagens de controle

São a dimensão ideológica do racismo e do sexismo compreendidos de forma simultânea e interconectada. São utilizadas pelos grupos dominantes com o intuito de perpetuar padrões de violência e dominação que historicamente são construídos para que permaneçam no poder. (BUENO, 2019, p. 69).

⁵ Ainda não sei como isso se dará, mas trabalharei com as produções a partir da ideia de dramaturgia da escuta, possivelmente desembocando em um texto dramático que reunirá essas diferentes vozes e existências. Na composição do caderno há explicitada a possibilidade de utilização do material, assim como a autorização para tanto a ser ou não preenchida, conforme escolha de cada uma das mulheres.



Esse conceito, segundo Concilio, pode dialogar com as imagens constituídas em torno de pessoas que são encarceradas, visto que revelam a dimensão ideológica do racismo, do sexismo, do classicismo e, ainda, agenciam o modo de perpetuação do sistema através da instituição prisão. Desta forma, julgamos necessário tensionar e resistir às imagens de controle, sendo o terreno das artes um espaço fortuito para o fomento à autodefinição de pessoas que, na maioria dos casos, são destituídas até mesmo da narrativa de suas vidas. Um dos mecanismos de resistência às imagens de controle é justamente a autodefinição (BUENO, 2019), incentivada no caderno.

Ao elucubrar sobre as potencialidades dos escritos a partir do caderno, vislumbro questionamentos cheios de força para romper com a relação objetal, quebrar com as imagens de controle, sendo as palavras as saídas do imaginário imposto. Como compartilha Andruetto

A escrita é sempre um questionamento, porque a imagem que aparece sempre como um problema, uma necessidade de olhar mais a fundo no personagem ou na situação, olha por debaixo de seu preconceito que, na maioria das vezes, é também o nosso preconceito, para tentar enxergar o que há além. Trata-se de duvidar, de romper com o que se veio pensando, para conhecer num sentido profundo. (ANDRUETTO, 2012, p. 68).

Saída dos estigmas, preconceitos, imagens e narrativas impostas que se dá pela reivindicação da palavra, da autoria de suas vidas e histórias pelas mulheres que se encontram encarceradas. Não a partir da prescrição, mas da criação própria da literatura (e digo da arte), enquanto “território da dúvida” (ANDRUETTO, 2012, p. 68).

Esse movimento caminha ao encontro da ação necessária que é romper com o silêncio, e, ao buscar essa ruptura a escuta/a leitura é fundamental para que não caiamos primeiramente em “falar sobre”, “falar de”, ou pior, “falar por”, e, ainda, compreender qual o contexto e responsabilização de nossa fala (em diálogo com as demais), de nossa existência. O exercício de alteridade e consequente humanidade irrompe - que se infiltre nas densas paredes, que vão ainda ruir!

Lembremos, contudo, que para que possamos acessar os sentidos prementes e as potencialidades profundas que podem raiar a partir dos escritos, precisamos criar condições de experiência, de suspensões e aberturas. Em consonância, compartilho um escrito desenvolvido no percurso da disciplina *Seminário Temático I: A experiência artística e a prática do ensino de artes na escola (abordagens metodológicas)*, ministrada pela profa. Dra. Heloíse Vidor, no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UDESC, da qual algumas das inquietações aqui reunidas foram germinadas, que versa sobre as experiências:

Reivindico as experiências, aquilo que não tem forma, aquilo que não conforma, aquilo que não é um aquilo, que não é aqueles, que não é daquele... aqui, um respiro, ainda respiro, em específico no campo no qual atuo, a prática artística-pedagógica, porque acredito que é a partir delas, as experiências, que poderemos nos salvar da medíocre forma de estar no mundo, ensimesmadas, apartadas, ilhadas em nós mesmas, em estado de sob vivência: localizadas no subsolo da vida, *voyeur* e sanguessuga... *voyeur* e sanguessuga Ainda respiro? E nós? Pingo, pinga, pingo, pinga, infiltra. Para ruir. Minha reivindicação se faz na busca de outres que também a reivindicam: porque somente através de um nós que, acredito, ela possa florescer, atravessar, rasgar, infiltrar, amanhecer, tecer... É no encontro, o radical encontro, com mulheres privadas de liberdade que fomento que possamos abrir frestas no concreto denso, material e imaterial, que sufoca possibilidades de vida. Experiências de suspensão? Nossos corpos contra a supressão. Experiências de poder dizer não? Que os corpos possam ser, e não apenas um senão na maquinaria capitalista prisão. Experiências de saída? De estar viva? Me coloco a mais aberta que posso à escuta, e busco que ensaiemos uma língua nossa, o encontro boca, pouco, outra, ouça, ouça, ouça, se dizer não oca, para dizer as suas próprias palavras, para quebrar as palavras mordaças, dizer para acabar com os nós, dizer para tecer um nós, que rascunhemos movimentos de experiência, existência e resistência.

A criação de uma proposta que funcione mesmo sem a nossa presencialidade também dialoga com a necessidade de garantir a continuidade do projeto após a



pandemia. Sabemos que um dos desafios do teatro dentro da prisão é sua entrada, mas ainda mais sua permanência (CONCILIO, 2008). Então, as palavras são resistência também nesse sentido.

Sobre resistência, também, faz-se importante explicitar novamente que nossa prática se dá através da relação entre universidade e cárcere. As universidades públicas brasileiras têm atuado dentro do ambiente prisional, como é o nosso caso, com o desenvolvimento de pesquisas diversas que lançam um olhar crítico à instituição, assim como através de plurais e frutíferas ações de extensão que fissuram os ditames do sistema punitivista.

Nosso trabalho estava rumando em 2020 para a continuidade e tivemos essa interrupção, justamente em um momento que estávamos avançando metodologicamente, investigando modos de incluir as mulheres também na análise das pesquisas desenvolvidas. O caderno, ansiamos, possa ser um procedimento que auxiliará nesta relação e mesmo alimentar as futuras práticas artístico-pedagógicas que vão acontecer presencialmente.

Como aponta a estudiosa Angela Davis, “o desafio mais difícil e urgente hoje é explorar de maneira criativa novos terrenos para a justiça nos quais a prisão não seja mais nossa principal âncora” (2018, p. 22). É interessante, nesse sentido, pontuar também que temos intensificado a seguinte reflexão: o trabalho que fazemos deve ser mais um braço para discutirmos a prisão, o punitivismo e nos contrapormos a ele, justamente através da abertura de novos sentidos, outras possibilidades de relação e, decorrente, outros mundos. E, por meio do caderno, quem diretamente está esgarçando novos sentidos são as pessoas atravessadas pelo cárcere que resistem à sua aniquilação.

Podemos enunciar/anunciar outros mundos?

Referências:

ANDRUETTO, María Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.



BORGES, Juliana. *Prisões: espelhos de nós*. São Paulo: Todavia, 2020.

BUENO, Winnie de Campos. *Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro: uma possibilidade de leitura da obra Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment (2009) a partir do conceito de imagens de controle*. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, p. 169, 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20à%20Literatura.pdf. Acesso em: 01 de julho de 2021.

CONCILIO, Vicente. *Teatro e prisão: dilemas da liberdade artística*. São Paulo, Hucitec, 2008.

DAVIS, Angela. *Estarão as prisões obsoletas?*. Rio de Janeiro: Difel, 2018.

DESGRANGES, Flávio. *A inversão da olhadela: alterações no ato do espectador teatral*. São Paulo: Hucitec, 2012.

FILHO, João Freire. Mídia, esteriótipo e representação das minorias. *Revista ECO-Pós*, v.7, n.2, p.1-27, 2009.

HEUSER, Ester Maria Dreher. Fábula da existência seguida de Notas sobre Fabulação. In: *Fantasia de escritura: filosofia, educação, literatura* - Sandra Mara Corazza (org). Porto Alegre: Sulina, 2010.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LARROSA, Jorge; RECHIA Karen. *P de Professor*. São Carlos: Pedro João Editores, 2018.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

VIDOR, Heloise. Sobre alguma rede a tramar...entre teatro, escolas e universidade. In: *Pedagogias do Desterro – Práticas de pesquisa em Artes Cênicas*. São Paulo: Hucitec / FAPESC, 2020.